



Evento: Jornada de Extensão, XXVIII

BREVE DISCUSSÃO ACERCA DA TRANSIÇÃO DA SOCIEDADE TRADICIONAL PARA A SOCIEDADE MODERNA E SEUS IMPACTOS

Brief Discussion about the Transition from Traditional to modern Society and it's Impacts

Juliane Meneguini¹, Carolina Baldissera Gross²

¹ Acadêmica do curso de Psicologia da Unijuí -Campos Santa Rosa.

² Docente do curso de Psicologia da Unijuí.

RESUMO

O presente trabalho retoma brevemente o contexto histórico a fim de explicar a transição social do tradicional para a modernidade, além de apontar alguns impactos na subjetividade humana. A abordagem é pautada sobre o sistema neoliberal mediante um olhar psicanalítico.

Palavras-chave: Transição. Sociedade. Neoliberalismo. Modernidade. Sujeito.

INTRODUÇÃO

Vive-se a era do *homo economicus*, cujo sentido vem associado, segundo os economistas, a um pedaço de ser humano reduzido a uma parcela que produz e consome algo fragmentado que “é levado [...] a promover um objetivo que não fazia parte de sua intenção” (SMITH, 1981, p. 456).

A inserção de um contrato social permitiu ao homem a criação da propriedade privada e com isso o surgimento do individualismo.

No entanto, como é possível compreender a evolução de uma espécie que de caçadora e coletora, passou a dominar a fauna e a flora, conquistou territórios, dizimou e submeteu outros povos, e naturalizou, a partir de justificativas atitudes de horror.

A história da sociedade humana é marcada por grandes modificações, desde o domínio do fogo e a formação dos primeiros clãs que o homem não cessou de se modificar. A transição da sociedade tradicional para a sociedade moderna também apresenta modificações presentes nas características contemporâneas como o desenvolvimento de indivíduos submissos cujas ações são legitimadas numa lógica coercitiva, mas que se modifica ao ser internalizado como ações naturais, alienáveis.

“Uma sujeição real nasce mecanicamente de uma relação fictícia. De modo que não é necessário recorrer à força para obrigar o



condenado ao bom comportamento, o louco à calma, o operário ao trabalho, o escolar à aplicação, o doente à observância das receitas”. (FOUCAULT, 1975, p. 196).

Em 1789 com a Revolução Francesa é que o individualismo passa a ganhar força na sociedade, a mudança do teocentrismo para o antropocentrismo que adveio mediante o iluminismo, colocou o homem numa posição de privilégio, detido de um saber quase que supremo semelhante ao mítico pai da horda narrado por Freud em Totem e Tabu (1913/1996).

METODOLOGIA

A construção do presente trabalho se deve aos estudos originados no componente curricular "Gestão organizacional e subjetividades", do curso de Psicologia da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, durante o primeiro semestre do presente ano de 2021.

O estudo caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica, baseada na leitura de livros e artigos sobre a temática despertada a partir de discursões ocorridas em sala de aula.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O homem moderno é, hoje, passível de comparação com o pai do mito freudiano e o sistema cujas operações ocorrem é pelo viés do capitalismo, como grande manipulador do mundo. Em paralelo a proposta do Panóptico de Jeremy Bentham, sistema instaurado mediante medo e receio, na incerteza se estás a ser observado ou não, que, com efeito, produz a introjeção de um olhar permanente e vigilante, pode-se pensar o capitalismo ao passo que os sujeitos modernos acreditam estar no centro desse topo comandando arbitrariamente suas vidas, quando na verdade são arbitrariamente comandados.

Nesse ponto é possível compreender que as relações humanas modificaram-se exacerbadamente, no entanto, cabe a identificação e a reflexão acerca dos fatores que possibilitaram essas mudanças e qual o impacto do advento do neoliberalismo nos sujeitos e no mundo.

Segundo Simmel (1998, apud, NASCIMENTO, 2016) um dos fatores é o dinheiro, que ganha destaque a partir das trocas e, constitui-se para além de uma simples moeda, o



dinheiro passa a ser o novo deus dessa sociedade moderna capitalista. A mudança da sociedade tradicional ou ainda, artesanal, na qual detinha conhecimento do início ao fim a cerca do que produzia passa a um conhecimento descentralizado e fragmentado de produção na sociedade moderna, assim, quanto mais à técnica se torna rica e objetivada mais o indivíduo se torna pobre e menos cultivado. Para Simmel que vivenciou essa transição entre sociedades a felicidade está destinada a ter, se você tem então você é feliz, o valor está no objeto e não no sujeito. Porém, é importante o adendo que a psicanálise apresenta, de que desde o nascimento o ser humano se atém apenas a objetos parciais, tais como o seio e o próprio excremento que Melanie Klein chama de objetos fantasísticos na obra “Amor, culpa e reparação”, que serão por toda a vida objetos de ganho concomitantes a perda, assim como Lacan esboça:

[...] O sujeito decerto os ganha ou os perde, é destruído por eles ou os preserva, mas, acima de tudo, ele é esses objetos, conforme o lugar em que eles funcionem em sua fantasia fundamental, e esse modo de identificação só faz mostrar a patologia da propensão a que é impelido o sujeito num mundo em que suas necessidades são reduzidas a valores de troca. (LACAN, 1958, p.620).

O neoliberalismo enquanto sistema econômico surge no século XX com intuito de apaziguar efeitos do capitalismo liberal consequência da crise de 1930 que derrubou investimentos na bolsa de valores de Nova York, EUA, momento que ocorre “à substituição da livre-concorrência pelo modelo intervencionista Keynesiano” (SAFATLE, p. 47). Esse modelo esgota-se depois de 1970 devido à divisão do mundo pós-segunda Guerra Mundial, que trouxe a quase hegemonia do bloco capitalista neoliberal durante esse período, no entanto o que se vê em comum nessas duas situações, é a valorização de um sistema econômico como fonte de satisfação, devido à extensa produção.

Essas crises sistêmicas, que se inserem na lógica mesma de funcionamento do capital, foram respondidas com teorias totalmente centradas no indivíduo. A hipertrofia da ação individual chega a seu máximo na doutrina neoliberal, cuja expressão mais significativa é o conceito de “capital humano”. (SAFATLE, p. 48).

Um retorno ao antropocêntrico vem associado à ideia mítica de um ser que tudo pode, visto que a economia em si o legitima. A legitimação ocorre pela via da familiaridade, ou seja, um discurso político que pressupõe uma fantasia social de família mediante mobilização de sentimentalismos e a promessa de que nesse viés é possível viver com mais



autonomia. O problema, porém, encontra-se no centro desse contexto, no qual o indivíduo internaliza questões que não são suas, mas que o faz acreditar ter surgido de si. “É o próprio indivíduo que passa a exigir de si mesmo ser um empreendedor bem sucedido” (SAFATLE, p. 48).

Para Jerusalinsky o sujeito moderno é desprovido de valor, conseqüentemente desprovido de sentido, ou seja, um sujeito a mercê da sociedade, dominado pelo ter sem se preocupar com o ser, a partir daí além do sofrimento psíquico desse sujeito, surgem questões como endividamentos financeiros, angústia mediante as muitas opções de escolha oferecidas pelo mercado, além da busca incessante por completude, esta última intensamente promovida e divulgada pelo sistema econômico como algo possível.

[...] O *homo economicus* não é este que representa suas próprias necessidades e os objetos capaz de satisfazê-las. Ele é este que passa, e usa, e perde sua vida tentando escapar da iminência da morte. (FOUCAULT, 1966, p. 269).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sociedade moderna, o capitalismo, o dinheiro e a tecnologia enganam os indivíduos de que eles, sociedade, podem vender felicidade e o sujeito mais feliz será sempre o sujeito que tiver mais poder aquisitivo, mas lembre-se que a sociedade moderna, o capitalismo, o dinheiro e a tecnologia foram criados pelos indivíduos, e que são estes que se enganam, ao atribuírem e legitimarem a enganação a partir de suas próprias produções. O vigilante antes que causava dúvida se estavas a observar ou não, agora confirma que sim, e pode ser pelo crediário, pelo empréstimo que endividou, pela crença falida de que determinado objeto salvaria esse sujeito da angustia de ser sujeito. “O individuo liberal é aquele que se entende dividido em conflito, entre a esfera pública e a privada, entre a lei da família e do trabalho” (Dunker, 2020).

A psicanálise alertou que “seja como for, o homem não pode visar a ser inteiro” (LACAN, 1958, p.699). Pois é justamente onde “falta-a-ter” que haja vista luz no “falta-a-ser”, somente onde não somos é que poderemos ser somente onde não temos é que poderemos ter, onde tudo há é porque desejo não há.

AGRADECIMENTOS



À professora Carolina Baldissera Gross do curso de graduação de Psicologia da UNIJUI que despertou meu interesse em desenvolver além da disciplina minhas leituras acerca da transição da sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- SAFATLE, V. JUNIOR, N. S. DUNKER, C. (2021). Neoliberalismo como gestão de sofrimento psíquico. Editora Autêntica.
- LACAN, J. (1958). A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In *Escritos, 1957-1958*.
- FREUD, S. (1920). Além do princípio de prazer. In *Volume XVIII*. Editora Imago.
- FREUD, S. (1970), Totem e Tabu e outros trabalhos. In *Volume XIII*. Editora Imago.
- FREUD, S. EISTEIN, A. Porquê a guerra? Reflexões sobre o mundo.
- FREUD, S. (1970), Totem e Tabu e outros trabalhos. In *Volume XIII*. Editora Imago.
- DARDOT, P. LAVAL, C. A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal. Editora Boitempo. (2016).
- KLEIN, M. (1291-1945). Amor culpa e reparação e outros trabalhos. Editora Imago. (1996).
- FOUCAULT, M. Vigiar e punir: Nascimento da prisão. *42ª Edição*. (2014). Editora Vozes.
- FOUCAULT, M. As palavras e as coisas: Uma arqueologia das ciências humanas. *10ª Edição*. (2016). Editora Martins Fontes.
- JERUSALINSKY, A. Papai não trabalha mais. In: JERUSALISNKY, A. O valor simbólico do trabalho e o sujeito contemporâneo. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000.
- NASCIMENTO, A.A. Tradição e modernidade: o antes e o depois em Simmel e Giddens. Revista Perspectivas sociais diversas, v. 4, n 1. Pelotas. Agosto, 2016.
- SMITH, A. (1981) Riqueza das nações: Uma investigação sobre a natureza e as causas da riqueza das nações. *1ª Edição*. (2009). Editora Madras.